

Stephenson de S. L. Galvão

***Modelagem do Sistema Operacional de Tempo Real
FreeRTOS***

Natal - RN, Brasil

1 de junho de 2009

Stephenson de S. L. Galvão

***Modelagem do Sistema Operacional de Tempo Real
FreeRTOS***

Qualificação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Sistemas e Computação do Departamento de Informática e Matemática Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Computação.

Orientador:

Prof. Dr. David Déharbe

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA E MATEMÁTICA APLICADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SISTEMAS E COMPUTAÇÃO

Natal - RN, Brasil

1 de junho de 2009

Sumário

Lista de Figuras

Lista de Tabelas

1	Introdução	p. 6
1.1	Objetivos	p. 6
1.2	Metodologia	p. 6
2	FreeRTOS	p. 7
2.1	Gerenciamento de Tarefas e Co-Rotinas	p. 8
2.1.1	Tarefa	p. 8
2.1.2	Co-rotinas	p. 10
2.1.3	Escalonador de Tarefas	p. 11
2.1.4	Bibliotecas	p. 11
2.2	Comunicação e sincronização entre tarefa	p. 14
2.2.1	Fila de Mensagens	p. 15
2.2.2	Semáforo	p. 16
2.2.3	Mutex	p. 16
2.2.4	Bibliotecas	p. 17
2.3	Criação de uma aplicação utilizando o FreeRTOS	p. 18
2.3.1	Criação de tarefas	p. 18
2.3.2	Utilização da fila de mensagens	p. 19
2.3.3	Utilização do semáforo	p. 21

3	Método B	p. 24
3.1	Etapas do desenvolvimento em B	p. 24
3.2	Máquina Abstrata	p. 26
3.2.1	Especificação do estado da máquina	p. 27
3.2.2	Especificação das operações da máquina	p. 28
3.3	Obrigação de Prova	p. 32
3.3.1	Consistência do Invariante	p. 33
3.3.2	Obrigação de prova da inicialização	p. 33
3.3.3	Obrigação de prova das Operações	p. 34
3.4	Refinamento	p. 34
3.4.1	Refinamento do Estado	p. 35
3.4.2	Refinamento das Operações	p. 36
3.4.3	Obrigação de Prova do refinamento	p. 36
4	Revisão Literária	p. 40
5	Proposta	p. 41
6	Atividades e Etapas	p. 42
	Referências Bibliográficas	p. 43

Lista de Figuras

2.1	Camada abstrata proporcionada pelo FreeRTOS	p. 7
2.2	Grafo de estados de uma tarefa	p. 9
2.3	Grafo de estados de uma co-rotina	p. 10
2.4	Funcionamento de um escalonador preemptivo baseado na prioridade	p. 12
2.5	Funcionamento de uma fila de mensagens	p. 15
2.6	Estrutura da rotina de uma tarefa	p. 19
2.7	Aplicação formada por uma tarefa cíclica	p. 20
2.8	Aplicação que utiliza uma fila de mensagens	p. 21
2.9	Aplicação que demonstra a utilização de um semáforo	p. 22
3.1	Etapas de desenvolvimento de sistema através do método B	p. 25
3.2	Maquina abstrata de tarefas	p. 27
3.3	Operação que consulta se uma tarefa pertence a máquina <i>Kernel</i>	p. 28
3.4	Operação que cria uma tarefa aleatória na máquina <i>Kernel</i>	p. 32
3.5	Refinamento da maquina abstrata de <i>Kernel</i>	p. 36

Lista de Tabelas

1 Introdução

Falar dos grandes desafios (SBC) e do desafio do compilador “Verifying compile”, “Verified Software repository” desafio de Jim Woodcock

1.1 Objetivos

Falar do objetivo da dissertação e não só da qualificação. Itens a serem discutidos:

- Abrangência da especificação
- Profundidade em aspectos pelo menos da construção do software
- Se necessário tem a possibilidade de estensão até o nível de assemblagem devido aos códigos em assembler que compõem o FreeRTOS.

1.2 Metodologia

Metodologia da dissertação, no contexto do que já foi feito

2 *FreeRTOS*

O FreeRTOS é um sistema operacional de tempo real enxuto, simples e de fácil uso. O seu código fonte, feito em *C* com partes em *assembly*, é aberto e possui pouco mais de 2.200 linhas de código, que são essencialmente distribuídas em quatro arquivos: `task.c`, `queue.c`, `croutine.c` e `list.c`. Uma outra característica marcante desse sistema está na sua portabilidade, sendo o mesmo oficialmente disponível para 17 arquiteturas mono-processadores diferentes, entre elas a PIC, ARM e Zilog Z80, as quais são amplamente difundidas em produtos comerciais através de sistemas computacionais embutidos.

Como a maioria dos sistemas operacionais de tempo real, o FreeRTOS provê para os desenvolvedores de sistemas concorrentes de tempo-real acesso aos recursos de *hardware*, facilitando com isso o desenvolvimento dos mesmo. Assim, FreeRTOS trabalha como na figura 2.1, fornecendo uma camada de abstração localizada entre a aplicação e o hardware, que tem como papel esconder dos desenvolvedores de aplicações os detalhes do hardware que será utilizado.

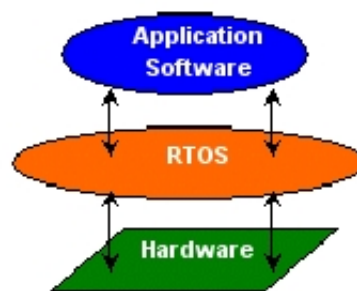


Figura 2.1: Camada abstrata proporcionada pelo FreeRTOS

Para prover tal abstração o FreeRTOS é composto por um conjunto de bibliotecas de tipos e funções que devem ser linkeditadas¹ com o código da aplicação a ser desenvolvida. Juntas, essas bibliotecas fornecem para o desenvolvedor serviços como gerenciamento de tarefa, comunicação e sincronização entre tarefas, gerenciamento de memória e controle dos dispositivos de entrada e saída.

¹Processo que liga o código da aplicação ao código das funcionalidades de outras bibliotecas utilizada por ela

A criação de uma aplicação utilizando o FreeRTOS pode ser dividida em duas partes. Na primeira parte são criadas, de acordo com modelos fornecidos pelo FreeRTOS, as tarefas e demais estruturas disponibilizadas pelo FreeRTOS que serão utilizadas pela aplicação. Na segunda parte é feito o cadastramento das tarefas utilizadas pelo sistema assim como a inicialização do mesmo. Por fim, o sistema é transformado em uma aplicação da arquitetura desejada.

A seguir tem-se em detalhe os principais serviços providos pelo o FreeRTOS junto com a biblioteca que os disponibilizam.

2.1 Gerenciamento de Tarefas e Co-Rotinas

2.1.1 Tarefa

Para entender como funciona o gerenciamento de tarefas do FreeRTOS é necessário primeiramente entender-se o conceito de tarefa. Uma tarefa é uma unidade básica de execução, com contexto próprio, que compõem as aplicações, que geralmente são multitarefas. Para o FreeRTOS uma tarefa é composta por :

- Um estado que demonstra a atual situação da tarefa
- Uma prioridade que varia de zero até uma constante máxima definida pelo usuário
- Uma pilha na qual é armazenada o ambiente de execução (estado dos registradores) da tarefa quando está é interrompida.

Em um sistema uma tarefa pode assumir vários estados de acordo com a sua circunstância. Assim o FreeRTOS disponibiliza quatro tipos de estados diferentes para uma tarefa. Os estados que uma tarefa pode assumir no FreeRTOS são:

- **Em execução:** Indica que a tarefa esta sendo executada pelo processado
- **Pronta:** Indica que a tarefa está pronta para entrar em execução mas não está sendo executada
- **Bloqueada:**Indica que a tarefa esta esperando por algum evento para continuar a sua execução
- **Suspensa:**Indica que a tarefa foi suspensa pelo kernel através da chamada de uma funcionalidade usada para controlar as tarefas

A permutação que ocorre no estado de uma tarefa funciona como demonstra a figura 2.2. Nela uma tarefa com o estado “em execução” pode ir para o estado pronta, bloqueado ou suspenso. Uma tarefa com o estado pronto pode ser suspensa ou entrar em execução. E as tarefa com o estado bloqueada ou suspensa só podem ir para o estado pronto.

Entretanto, vale enfatizar que por tratar-se de um SOTR para arquiteturas mono-processadores o FreeRTOS não permite que mais de uma tarefa seja executada ao mesmo tempo. Assim, em um determinado instante, apenas uma tarefa pode assumir o estado pronto, restando as demais os outros estado. Com isso, para decidir qual tarefa será executada o FreeRTOS possui um mecanismo denominado escalonador, o qual será detalhado na sessão 2.1.3.

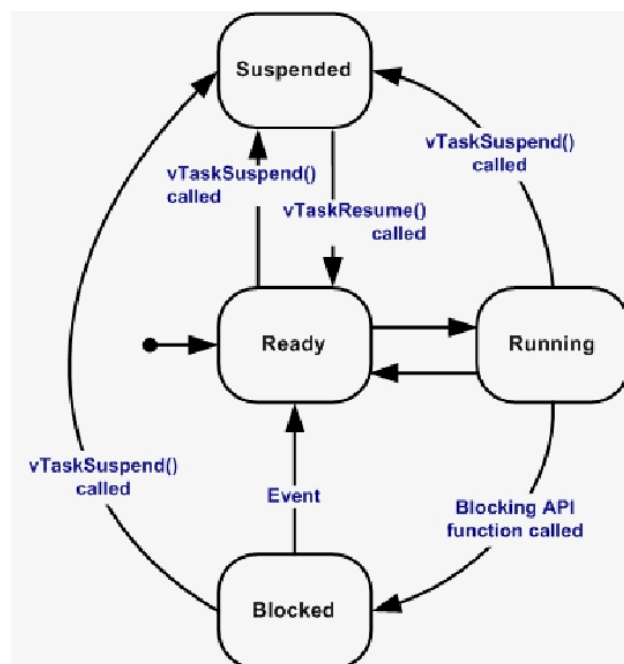


Figura 2.2: Grafo de estados de uma tarefa

Tarefa Ociosa

No FreeRTOS existe também uma tarefa denominada de tarefa ociosa, a qual é executada quando nenhuma tarefa está em execução. A tarefa ociosa tem como principal finalidade excluir da memória tarefas que não serão mais usadas pelo sistema. Assim, quando uma aplicação informa para o sistema que uma tarefa não será mais utilizada, esta tarefa só será excluída quando a tarefa ociosa entrar em execução. A tarefa ociosa possui a menor prioridade dentre as tarefas que compõem um sistema.

2.1.2 Co-rotinas

Outro conceito importante suportado pelo FreeRTOS é o de Co-rotina. Assim como as tarefas, co-rotinas são unidades de execução independentes que formam uma aplicação. Por isso assim como as tarefas, uma co-rotina é formada por uma prioridade e um estado. Entretanto, devido ao fato de co-rotinas não possuírem contexto de execução próprio, ela não possuem uma pilha para armazenar o contexto de execução, como ocorre nas tarefas.

Os estados que uma co-rotina pode assumir são:

- **Em execução:** Quando a co-rotina está sendo executada
- **Pronta:** Quando a co-rotina está pronta para ser executada, mas não está em execução
- **Bloqueada:** Quando a co-rotina está bloqueada esperando por algum evento para continuar a sua execução.

As transições entre os estados de uma co-rotina ocorre como demonstra a figura 2.3. Nela uma co-rotina em execução pode ir tanto para o estado bloqueado como para o estado suspenso. Uma co-rotina de estado bloqueado só pode ir para o estado pronto e uma co-rotina de estado pronto só pode ir para o estado “em execução”.

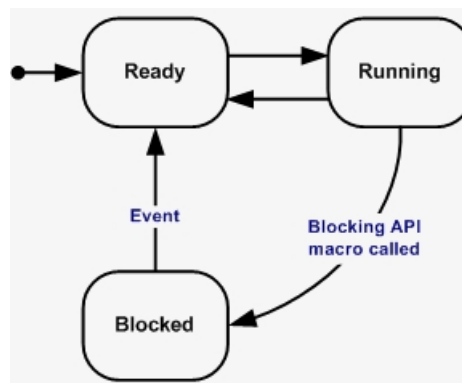


Figura 2.3: Grafo de estados de uma co-rotina

Assim como nas tarefas, a decisão de qual co-rotina irá entrar em execução também é feita pelo o escalonador, que será explicado na seção 2.1.3

2.1.3 Escalonador de Tarefas

O escalonador é a parte mais importante de um sistema. É ele quem decide qual unidade de execução² irá entrar execução. Além disso, é ele que faz a troca entre a unidade em execução e nova unidade que irá entrar em execução. No FreeRTOS o escalonador pode funcionar de três modos diferentes:

- **Preemptivo:** Quando o escalonador interrompe a unidade em execução, alterando assim o seu estado, e ocupa o processador com outra unidade
- **Cooperativo:** Quando o escalonador não tem permissão de interromper a unidade em execução, tendo que esperar a mesma interromper-se para que ele possa decidir qual será a próxima unidade a entrar em execução e, em seguida realizar a troca.
- **Híbrido:** Quando o escalonador pode comporta-se tanto como preemptivo como cooperativo.

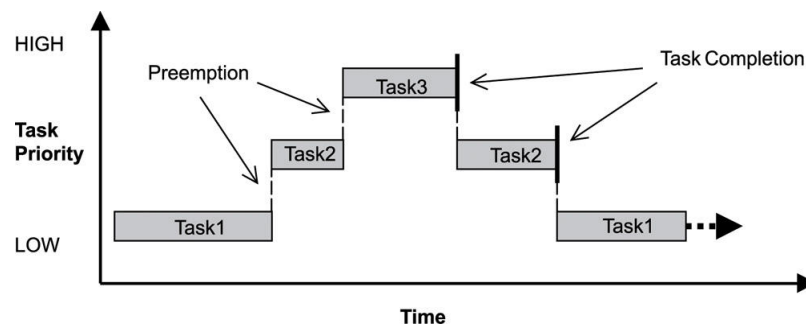
Para as tarefas o escalonador funciona de forma preemptiva, sendo que a decisão de qual tarefa deve entrar em execução é baseada na prioridade e segue a seguinte política: a tarefa em execução deve ter prioridade maior ou igual a tarefa de maior prioridade com o estado “pronta”. Assim sempre que uma tarefa, com prioridade maior que a tarefa em execução, entrar no estado pronto, ela deve imediatamente entrar “em execução”. Um exemplo claro da política preemptiva pode ser visto na figura 2.4, onde três tarefas, em ordem crescente de prioridade, disputam a execução do processador.

Para as co-rotinas o escalonador funciona de forma cooperativa e baseada na prioridade. Com isso, a co-rotina em execução é quem decide o momento de sua interrupção, sendo que a próxima co-rotina a entrar em execução será a de maior prioridade entre as co-rotinas com o estado pronto

2.1.4 Bibliotecas

Para disponibilizar as características discutidas nesta seção o FreeRTOS dispõe das seguintes bibliotecas: Criação de Tarefas, Controle de Tarefas, Utilidades de Tarefas, Controle do Kernel e Co-rotinas. A seguir tem-se em detalhe a descrição de cada uma dessas bibliotecas junto com as funcionalidades que as compõem

²Aqui o termo “unidade de execução”, as vezes citado apenas como unidade, refere-se a todas as tarefas e co-rotinas(seção 2.1.2) do sistema



1. Tarefa 1 entra no estado pronto, como não há nenhuma tarefa em execução esta assume controle do processador entrando em execução
2. Tarefa 2 entra no estado pronto, como está tem prioridade maior do que a tarefa 1 ela entra em execução passando a tarefa 1 para o estado pronto
3. Tarefa 3 entra no estado pronto, como está tem prioridade maior do que a tarefa 2 ela entra em execução passando a tarefa 2 para o estado pronto
4. Tarefa 3 encerra a sua execução, sendo a tarefa 2 escolhida para entrar em execução por ser a tarefa de maior prioridade no estado pronto
5. Tarefa 2 encerra a sua execução e o funcionamento do escalonador é passado para a tarefa 1

Figura 2.4: Funcionamento de um escalonador preemptivo baseado na prioridade

Criação de Tarefas

Essa biblioteca é responsável pelo conceito de tarefa. Nela estão presente, um tipo, responsável por representar uma tarefa do sistema, e duas funcionalidades, uma para a criação de uma tarefa e outra para a remoção de uma tarefa do sistema. Em seguida, tem-se a lista de todos os tipos e funcionalidades disponibilizados por essa biblioteca.

- **xTaskHandle** - Tipo pelo qual uma tarefa é referenciada. Por exemplo, quando uma tarefa é criada através do método *xTaskCreate*, este retorna uma referência para nova tarefa através do tipo *xTaskHandle*
- **xTaskCreate** - Funcionalidade usada para criar uma nova tarefa para o sistema.
- **vTaskDelete** - Funcionalidade usada para indicar ao sistema que uma tarefa deve ser removida³

³A remoção de uma tarefa do sistema só é feita pela tarefa ociosa 2.1.1, nesse método é apenas indicado para o sistema quais as tarefas que devem ser removidas

Controle de tarefas

A biblioteca de controle de tarefas realiza operações sobre as tarefas do sistema. Ela disponibiliza funcionalidades capazes de bloquear, suspender e retornar uma tarefa do estado suspenso. Além dessas ela também possui funcionalidades capazes de alterar e informar a prioridade de uma determinada tarefa. A lista das principais funcionalidades presentes nessa biblioteca pode ser vista a seguir:

- **vTaskDelay** - Método usada para suspender uma tarefa por um determinado tempo. Nesse método, para calcular qual será o tempo que a tarefa deve retornar, é levando em consideração o tempo relativo, ou seja, o tempo que o método foi chamado. E por isso, é uma método não indicado para a criação de tarefas cíclicas, pois o tempo que o método é chamado pode variar em cada execução da tarefa devido as interrupções que a mesma pode sofrer.
- **vTaskDelayUntil** - Método usado para suspender uma tarefa por um determinado tempo. Esse método difere do *vTaskDelay* pelo o fato de que tempo em que a tarefa deve retornar é calculado com base no tempo do último retorno da tarefa. Assim, se ocorrer uma interrupção o tempo que a tarefa foi retornada não ira mudar, o que torna esse método recomendável para tarefas cíclicas
- **uxTaskPriorityGet** - Método usado para informar a prioridade de uma determinada tarefa
- **vTaskPrioritySet** - Método usado mudar a prioridade de uma determinada tarefa
- **vTaskSuspend** - Método usado para suspender uma determinada tarefa
- **vTaskResume** - Método usado retornar uma tarefa

Utilitários de tarefas

É através dessa biblioteca que o FreeRTOS disponibiliza para o usuário informações importantes a respeito das tarefas e do escalonador do sistema . Nela estão presentes funcionalidades com a de retornar uma referência para a atual tarefa em execução, retornar o tempo de funcionamento e o estado do escalonador e retornar o número e a lista das tarefas que estão sendo gerenciadas pelo sistema. Uma listagem das principais funcionalidades dessa biblioteca é encontrada a seguir:

- **xTaskGetCurrentTaskHandle** - Retorna a uma referência para atual tarefa em execução
- **xTaskGetTickCount** - Retorna o tempo decorrido desde a inicialização do escalonador
- **xTaskGetSchedulerState** - Retorna o estado do escalonador
- **uxTaskGetNumberOfTasks** - Retorna o número de tarefas do sistema
- **vTaskList** - Retorna uma lista de tarefas do sistema

Controle do Escalonador

Nessa biblioteca estão presentes as funcionalidades responsáveis por controlar as atividades do escalonador do sistema. Nela encontramos funcionalidades que iniciam e finalizam as atividades do escalonador, e também, suspendem e retornam a atividades do mesmo. As principais funcionalidades presente nessa biblioteca são :

- **vTaskStartScheduler** - Método que inicia as atividades do escalonador. Usado para a inicialização do sistema
- **vTaskEndScheduler** - Método que termina as atividades do escalonador. Usado para a finalização das atividades do sistema também
- **vTaskSuspendAll** - Método que suspende as atividades do escalonador
- **xTaskResumeAll** - Método que retorna as atividades de uma escalonador suspenso

2.2 Comunicação e sincronização entre tarefa

Frequentemente tarefas necessitam se comunicar um com as outras. Por exemplo a tarefa “A” depende da leitura do teclado feito pela tarefa “B”. Com isso, a uma necessidade de que está comunicação seja feita de maneira bem estruturada e sem interrupções.

A maioria dos sistemas operacionais oferecem vários tipos de comunicação entre as tarefas. Que podem ocorrer da seguinte forma: uma tarefa deseja passar informações para outra, duas ou mais tarefas querem utilizar o mesmo recurso e uma tarefa dependo do resultado produzido por outra tarefa.

No FreeRTOS assim como nos demais sistemas operacionais os mecanismos responsáveis pela a comunicação entre as tarefas são a fila de mensagem, o semáforo e o mutex (*Mutal*

Exclusion). Para entender melhor como funciona a comunicação entre tarefas no FreeRTOS, cada um desses mecanismo serão detalhados a seguir

2.2.1 Fila de Mensagens

Filas de mensagens são estruturas primitivas de comunicação entre tarefas. Elas funcionam como, demonstra a figura 2.5, um túnel no qual tarefas enviam e recebem mensagem. Assim, quando uma tarefa necessita comunicar-se com outra primeiramente ela envia uma mensagem para o túnel para que a outra tarefa, possa ler a mensagem.



Figura 2.5: Funcionamento de uma fila de mensagens

No FreeRTOS, uma fila de mensagens é formada por uma lista de tamanho fixo que armazena as mensagens, também de tamanhos fixos, enviadas para a lista. Assim, quando uma mensagem é enviada para uma fila, uma cópia dela é armazenada na lista de mensagens para que outra tarefa possa utilizá-la. Entretanto, no lugar de copiar toda mensagem para a lista de mensagens, é possível também armazenar-se apenas uma referência para a mesma, o que torna mais complicado um trabalho do desenvolvedor, pois assim o acesso à mensagem ficará compartilhado entre as tarefas, necessitando com isso de uma estrutura de sincronização para coordenar a utilização da mensagem pelas tarefas. Na maioria da aplicação a troca de mensagens é feita por cópia.

Além da lista de mensagens uma fila de mensagens é composta por mais duas outras lista, uma para armazenar as tarefas que estão aguardando enviar uma mensagem para a fila e outra para armazenar as tarefas que estão aguardando receber uma mensagem da fila. Assim, quando uma tarefa tenta enviar uma mensagem para uma fila cheia a tarefa é bloqueada e colocada na lista de tarefa aguardam para enviar uma mensagem para fila até que um lugar na fila seja liberado. O mesmo acontece quando uma tarefa tenta ler uma mensagem de uma fila vazia, sendo que nesse caso, ela vai para a lista de tarefas aguardando por uma mensagem da fila.

No FreeRTOS, é possíveis definir o tempo máximo que uma tarefa pode ficar bloqueada esperando por uma fila (liberação de espaço ou chega de mensagem). E quando existirem mais de uma tarefa bloqueadas aguardando por um evento de uma fila, as tarefas de maior prioridade têm preferência sobre as demais.

2.2.2 Semáforo

Semáforos são mecanismos usados na sincronização entre tarefas. Eles funcionam como uma chave que libera, ou não, o uso de um determinado recurso compartilhado. Assim, quando uma tarefa deseja acessar um recurso compartilhado, ela primeiramente deve solicitar o semáforo que coordena o uso do recurso, caso o semáforo esteja livre, a tarefa tem a permissão de utilizar o recurso e, em seguida, libera o semáforo, caso contrário, a tarefa é bloqueada até que o semáforo seja liberado.

O FreeRTOS disponibiliza dois tipos de semáforos: o semáforo binário e o semáforo com contador. A diferença entre os dois está apenas no número de tarefas que podem reter o semáforo ao mesmo tempo. No semáforo binário apenas uma tarefa pode reter o semáforo e acessar o recurso compartilhado. E no semáforo com contador existe um número fixo de tarefa, determinado por um contador, que podem reter o semáforo. Assim, no semáforo com contador, para cada tarefa que retém o semáforo, o contador é decrementado de “um”, e para cada tarefa que libera o semáforo, o contador é incrementado de “um”. O semáforo torna-se indisponível quando o contador for igual a zero e disponível caso contrário.

No FreeRTOS o semáforo binário funciona como uma fila de mensagens com um único item. Assim, quando a fila estiver vazia, indica que o semáforo está sendo usado e, quando a fila estiver cheia, indica que o semáforo está liberado. O mesmo ocorre para o semáforo com contador, só que nesse caso, o tamanho da fila será a quantidade de tarefas que podem reter o semáforo ao mesmo tempo, ou seja, o tamanho inicial do contador.

2.2.3 Mutex

Mutexes são parecidos com os semáforos binários. A única diferença entre os dois é que o mutex implementa um mecanismo de herança de prioridade, o qual impede que uma tarefa de maior prioridade fique bloqueada a espera de um semáforo ocupado por uma tarefa de menor prioridade, causando uma inversão de prioridade.

O mecanismo de herança de prioridade funciona da seguinte forma, quando uma tarefa solicita o semáforo ele verifica se a tarefa solicitante possui prioridade maior que a tarefa com o semáforo. Caso afirmativo, a tarefa que retém o semáforo tem, momentaneamente, a sua prioridade elevada, para que assim ela possa realizar as suas funções sem interrupções e, conseqüentemente, liberar mais rapidamente o semáforo.

2.2.4 Bibliotecas

A característica de comunicação e sincronização entre tarefas está dividida em duas bibliotecas, Gerenciamento de fila de mensagens e Semáforo/Mutex. A seguir tem-se a explicação de cada uma dessas bibliotecas.

Gerencialmente de fila de Mensagens

A biblioteca gerenciamento de fila de mensagens é responsável pela criação e utilização da estrutura fila de mensagens. Ela é composta por funcionalidades que instanciam e removem filas de mensagens do sistema e pelas funcionalidades que enviam/recebem mensagens para/de uma fila de mensagens desejada. Abaixo tem-se uma lista com as principais funcionalidades dessas biblioteca.

- **xQueueCreate** - Cria uma nova instância de uma fila de mensagens.
- **vQueueDelete** - Remove uma fila de mensagem do sistema.
- **xQueueSend** - Envia um mensagem para a fila.
- **xQueueSendToBack** - Envia uma mensagem para o fim da fila.
- **xQueueSendToFront** - Envia uma mensagem para o início da fila.
- **xQueueReceive** - Lê e remove uma mensagem da fila .
- **xQueuePeek** - Apenas lê uma mensagem da fila, sem remove-lá.

Semáforo/Mutex

Na biblioteca de semáforo e mutex são implementadas as características de sincronização entre tarefas (semáforo e mutex) junto com as suas operações. Assim nesta biblioteca estão presentes funcionalidades que criam e removem semáforos e mutex, além das funcionalidades que solicitam e liberam os semáforos e os mutex. As principais funcionalidades desta biblioteca pode ser vista a seguir.

- **vSemaphoreCreateBinary** - Cria um semáforo binário
- **vSemaphoreCreateCounting** - Cria um semáforo com contador
- **xSemaphoreCreateMutex** - Cria um mutex

- **xSemaphoreTake** - Solicita a retenção de um semáforo ou de um mutex
- **xSemaphoreGive** - Libera um semáforo ou um mutex retido

2.3 Criação de uma aplicação utilizando o FreeRTOS

Para construir uma aplicação de tempo real utilizando o FreeRTOS o desenvolvedor deve seguir determinadas restrições imposta pelo sistema operacional. A maioria destas restrições são parâmetros de configuração e modelos para a criação de tarefas, rotinas, filas de mensagens e demais estruturas disponibilizadas pelo FreeRTOS. Assim, com o intuito de ajudar o desenvolvedor a criar suas primeiras aplicações O FreeRTOS disponibilizou em seu código fonte aplicações exemplos organizadas de acordo com as plataformas alvo que o FreeRTOS suporta.

Entretanto, a criação e análise de uma nova aplicação no FreeRTOS é uma atividade que necessita de maior conhecimento sobre o funcionamento de suas funcionalidades, fugindo assim do objetivo geral desse capítulo que é proporcionar uma breve introdução ao FreeRTOS, demonstrando a suas principais funcionalidades. Com isso, para efeito de exemplificação de como são utilizadas as funcionalidades apresentadas neste capítulo, será demonstrado de forma abstrata nessa seção com é criada uma aplicação no FreeRTOS, abordando principalmente a criação e utilização de tarefas, filas de mensagens e semáforos.

2.3.1 Criação de tarefas

A tarefa é a parte mais importante de uma aplicação. É nela que são colocadas as rotinas que realizam as atividades de uma aplicação. No FreeRTOS a rotina que compõem uma tarefa devem seguir a estrutura demonstrada pela figura 2.6. Nele tem-se inicialmente o nome da rotina, *functionName*, seguido da lista de parâmetros utilizados ela, *vParameters*. O código que realiza as finalidades da tarefa é colocado dentro de um laço infinito, forçando assim que a tarefa só finalize a sua execução quando for excluída pelo sistema⁴.

Um exemplo concreto da criação de uma rotina pode ser visto na figura 2.7. Nela tem-se a rotina *cyclicalTasks*, que utiliza-se da funcionalidade *vTaskDelayUntil* (seção 2.1.4) para bloquear a execução da tarefa em intervalos cíclicos de tempo. Essa funcionalidade possui como parâmetros, respectivamente, o último tempo que a tarefa foi retornada e o período que a tarefa deve permanecer bloqueada.

⁴A execução além de ser finalizada pelo sistema pode também ser suspensa ou bloqueada como demonstrado na seção 2.1.1

```
void functionName( void *vParameters )
{
    for( ;; )
    {
        -- Task application code here. --
    }
}
```

Figura 2.6: Estrutura da rotina de uma tarefa

Entretanto o desenvolvimento de uma rotina é apenas um dos passos para a criação de uma tarefa. É necessário ainda que a tarefa seja cadastrada no sistema junto com sua prioridade e pilha de contexto. Essa função é feita através do método *xTaskCreate*, demonstrado na figura 2.7 que possui como parâmetros os seguintes argumentos:

cyclicalTasks : Ponteiro para a rotina que deve ser executada pela função

“cyclicalTasks” : Nome da função utilizados nos arquivos de log do sistema

STACK_SIZE : Tamanho da pilha de execução da função especificado de acordo com o número de variável declaradas na rotina da função

pvParameters : Lista de valores dos parâmetros da rotina da função.

TASK_PRIORITY : Prioridade da tarefa

cyclicalTasksHandle : Gancho de retorno da tarefa criada

Após ser criada a tarefa que irá realizar a funcionalidade da aplicação, para finalizar o desenvolvimento de uma aplicação, resta apenas que o escalonador do sistema seja iniciado, iniciando assim as tarefas da aplicação. Essa operação é feita pela a funcionalidade *vTaskStartScheduler()*, presente no final da aplicação demonstrada pela figura 2.7.

2.3.2 Utilização da fila de mensagens

A utilização de uma fila de mensagens é resumidamente demonstra na aplicação da figura 2.8. Nela inicialmente tem-se que a estrutura *AMessage* define o tipo da mensagem que será utilizada. Em seguida, através do método *xQueueCreate* é criada uma fila de mensagens que será referenciada pela variável *xQueue*, do tipo *xQueueHandle*, tipo usado para referenciar

```
void cyclicalTasks( void * pvParameters ){
    portTickType xLastWakeTime;
    const portTickType xFrequency = 10;
    // Initialise the xLastWakeTime variable with the current time.
    xLastWakeTime = xTaskGetTickCount();
    for( ;; ){
        // Wait for the next cycle.
        vTaskDelayUntil( &xLastWakeTime, xFrequency );
        // Perform action here.
    }
}

xTaskHandle cyclicalTasksHandle;

xTaskCreate( cyclicalTask, "cyclicalTasks", STACK_SIZE,
            ( void * ) pvParameters, TASK_PRIORITY, &cyclicalTasksHandle);

vTaskStartScheduler();
```

Figura 2.7: Aplicação formada por uma tarefa cíclica

fila de mensagem. Para isso o método create recebe como parâmetros, respectivamente, a quantidade de mensagens que a fila pode armazenar e o tamanho da mensagens manuseadas por ela, atributos necessários para um fila de mensagens.

Estabelecida a fila de mensagens, é necessário agora, definir-se as tarefas que irão enviar e receber mensagens da mesma. Na figura 2.8 estão presentes apenas as rotinas de cada uma dessas tarefas, sendo que a explicação completa de como é criar uma tarefa foi demonstrada na seção 2.3.1.

Para criar a tarefa que enviará mensagens para a fila, a rotina da tarefa *sendTask* é desenvolvida. Nela esse trabalho é feito através da operação *xQueueSend*, que possui como parâmetros a fila para qual a mensagem será enviada, a mensagem que será enviada para a fila e tempo máximo que a tarefa poderá ficar bloqueada aguardando para enviar uma mensagem para fila, caso ela esteja cheia.

Por último, na figura 2.8 a rotina da tarefa responsável por receber mensagens da fila, é criada. Ela é denominada de *sendTask*. Para receber as mensagens enviadas para a fila, *sendTask* utiliza a operação *xQueueReceive*, a qual possui como argumentos, respectivamente, a fila de onde será recebida a mensagem, o local que irá armazenar a mensagem e o tempo máximo que a tarefa pode ficar esperando pela fila, caso esteja vazia.

```

struct AMessage {
    portCHAR ucMessageID;
    portCHAR ucData[ 20 ];
}xMessage;

xQueueHandle xQueue;
//Create a queue capable of containing 10 pointers to AMessage structures.
xQueue = xQueueCreate( 10, sizeof( struct AMessage * ) );
// Task to create a queue and post a value.
void sendTask( void *pvParameters ) {
    struct AMessage *pxMessage;

    if( xQueue == 0 ) {
        // Failed to create the queue.
    }else{
        // Send a pointer to a struct AMessage object. Don't block if the
        // queue is already full.
        pxMessage = & xMessage;
        xQueueSend( xQueue, ( void * ) &pxMessage, ( portTickType ) 0 );
    }
    // ... Rest of task code.
}

// Task to receive from the queue.
void reciveTask( void *pvParameters ) {
    struct AMessage *pxRxedMessage;

    if( xQueue != 0 ) {
        // Receive a message on the created queue. Block for 10 ticks if a
        // message is not immediately available.
        if( xQueueReceive( xQueue, &( pxRxedMessage ), ( portTickType ) 10 ) ) {
            // pcRxedMessage now points to the struct AMessage variable posted
            // by vATask.
        }
    }
    // ... Rest of task code.
}

```

Figura 2.8: Aplicação que utiliza uma fila de mensagens

2.3.3 Utilização do semáforo

Semáforos são estruturas de sincronização entre tarefas. Eles são utilizados para coordenar o uso de recurso compartilhado por uma ou mais tarefas. Assim, código da tarefa responsável por acessar o recurso compartilhado deve ser protegido para que a sua execução só ocorra quando o semáforo for retido pela tarefa.

A construção de uma aplicação que utiliza-se do mecanismo de semáforo, são necessário basicamente três funcionalidades da biblioteca de semáforos, *vxSemaphoreCreateBinary*, *xSemaphoreTake* e *xSemaphoreGive*. A primeira funcionalidade cria o semáforo e as demais solicitam e liberam o semáforo respectivamente.

O exemplo de uma aplicação que utiliza-se de um semáforo para controlar o acesso a um recurso compartilhado pode ser visto na figura 2.9. Nela inicialmente é criada a variável *xSemaphore* para armazenar uma referência para o novo semáforo. Em seguida, o método *vxSemaphoreCreateBinary* é usado para criar o novo semáforo e retornar uma referência para o mesmo.

```
xSemaphoreHandle xSemaphore = NULL;

// Create the semaphore to guard a shared resource. As we are using
// the semaphore for mutual exclusion we create a mutex semaphore
// rather than a binary semaphore.
xSemaphore = vxSemaphoreCreateBinary();

// A task that uses the semaphore.
void semaphoreTask( void * pvParameters ) {
    // ... Do other things.
    if( xSemaphore != NULL ) {
        // See if we can obtain the semaphore. If the semaphore is not available
        // wait 10 ticks to see if it becomes free.
        if( xSemaphoreTake( xSemaphore, ( portTickType ) 10 ) == pdTRUE ) {
            // We were able to obtain the semaphore and can now access the
            // shared resource.
            // We have finished accessing the shared resource. Release the
            // semaphore.
            xSemaphoreGive( xSemaphore );
        } else
            // We could not obtain the semaphore and can therefore not access
            // the shared resource safely
            {
            }
    }
}
```

Figura 2.9: Aplicação que demonstra a utilização de um semáforo

Após a criação do semáforo, a rotina da tarefa que utilizará o recurso compartilhado é desenvolvida. Nela o código que acessará tal recurso está protegido pelo segundo *if*, o qual recebe o retorno do método *xSemaphoreTake*, informando se o semáforo foi retido ou não. Ao final da rotina, o semáforo é liberado pelo método *xSemaphoreGive*, permitindo que outra tarefa possa retê-lo e usar o recurso compartilhado.

A utilização do mutex é bem parecida com a do semáforo binário. A diferença para o usuário entre os dois mecanismos está apenas no método de criação, *vSemaphoreCreateBinary* no semáforo binário, que será *xSemaphoreCreateMutex*. As formas e os métodos para solicitação do mutex é semelhante ao semáforo binário, sendo *xSemaphoreTake* informando o mutex e o tempo máximo de bloqueio e *xSemaphoreGive* informando o mutex que será liberado. Com isso para transformar a aplicação da figura 2.9 de semáforo para mutex basta apenas trocar o método *vSemaphoreCreateBinary* por *xSemaphoreCreateMutex*.

3 *Método B*

Métodos Formais trata-se de uma abordagem formal para a especificação e construção de sistemas computacionais. Eles utilizam-se de conceitos matemáticos sólidos como lógica de primeira ordem e teorias dos conjuntos para a criação e verificação de sistemas consistentes, seguros e sem ambiguidades. Devido aos seus rigorosos métodos de construção a sua principal utilização, embora timidamente, tem sido na criação de sistemas críticos para as indústrias de aeronáutica, viação férrea e de equipamentos médicos, além de empresas que movimentam grandes quantidade monetárias como os bancos.

Segundo a Honeywell [?], uma empresa que desenvolve sistemas para aeronaves, a utilização de métodos formais no processo de desenvolvimento prover várias vantagens, entre eles estão: a produção mensurada pela corretude, métodos formais prove uma forma objetiva de mensura a corretude do sistema; antecipação na detecção de erros, métodos formais são previamente usados em projetos de artefatos do sistema, permitindo assim uma detecção antecipada de erros; e garantia da corretude, através mecanismo de verificação é possível provar que sistema funcionará de forma coerente com a sua especificação inicial.

O método B[?] trata-se de uma abordagem formal usado para especificar e construir sistema computacionais seguros. Seu criador Jean-Raymond Abrial, junto com a colaboração de outros pesquisadores da universidade de Oxford, procuraram reunir no método B várias qualidades presentes nos demais métodos formais como pré e pós condições¹, refinamento² e modularização. A seguir tem-se as etapas de desenvolvimento de sistemas utilizando o método B.

3.1 Etapas do desenvolvimento em B

O processo de desenvolvimento através do método B inicia-se com um módulo que define um modelo funcional de alto nível do sistema. Em B, esses módulos são denominados de Máquina Abstrata (*MACHINE*). Nessa fase de modelagem técnicas semi-formais como UML

¹Pré e Pós condições são...

²Refinamento trata-se de uma técnica de desenvolvimento de sistema...

podem ser utilizadas e em seguidas transformadas para a notação formal do método B. Após a criação dos módulos, eles são analisados estaticamente para verificar se a sua especificação é coerente e implementável.

Uma vez estabelecido um modelo abstrato inicial do sistema, o método B permite que seja construídos módulos mais concretos do sistema denominados refinamentos. Mais especificamente refinamentos tratam-se de uma decisão de projetos na qual partes da especificação abstrata do sistema devem ser especificadas em um nível mais concreto. Assim um refinamento deve necessariamente estar relacionado com o módulo mais abstrato ligeiramente anterior. E, como ocorre na criação da máquinas abstratas, um refinamento também é passível uma análise estática, na qual é verificada a relação entre refinamento com seu nível abstrato anterior.

Devido a técnica de refinamentos, o desenvolvimento de sistemas utilizando o método B pode chegar a um nível de abstração semelhante aos das linguagens de programação. Para isso sucessíveis refinamentos devem ser desenvolvidos até a especificação chegar em um último nível de refinamento denominado implementação (*IMPLEMENTATION*). Nesse nível a linguagem utilizada para a especificação, B0, trata-se de um formalismo algorítmico, capaz de ser sintetizados para linguagens de programação com C, Java e JavaCard.

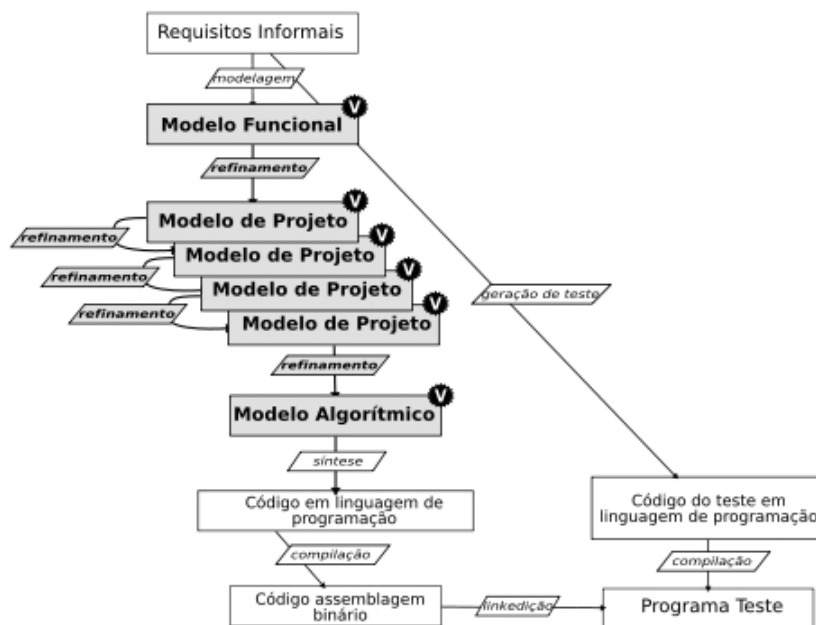


Figura 3.1: Etapas de desenvolvimento de sistema através do método B

Assim o desenvolvimento de sistemas utilizando o método B é feito como demonstra a figura 3.1. Nela os requisitos do sistema são especificados inicialmente em um alto nível abstrato e após sucessivos refinamentos um nível concreto e algorítmico do sistema é alcançado. Em seguida é feita a síntese da especificação para o código de linguagem de programação, sendo

possível a partir da especificação funcional inicial gerar teste para o sistema desenvolvido.

Atualmente o desenvolvimento de sistemas utilizando o método B pode ser apoiado por diversas ferramentas que vão desde a análise estática da especificação até a geração de código em linguagens de programação. Fator que isentivou, o método B a ultrapassar o mundo acadêmica e passar a ser usado também industrialmente.

Um exemplo de sistemas desenvolvidos através da abordagem de B é o controle de porta do metrô de paris, desenvolvido pela Clearsy[?], empresa especialista em sistemas críticos. Esse sistema impede que o trem saída da estação quando a porta inda estiver aberta, evitando assim possíveis acidentes

3.2 Máquina Abstrata

A base do método B está na notação de máquina abstrata(em inglês: *Abstract Machine Notation* - AMN) a qual disponibiliza um framework comum para a especificação e construção e verificação estática de sistemas. Em outra palavras, a AMN trata-se de uma linguagem de especificação de sistemas formada por módulos básicos de construção chamados de Máquina Abstrata ou simplesmente Máquina.

Cada Máquina Abstrata é composta por diferentes seções, sendo que cada seção é responsável por definir um aspecto da especificação do sistema como: parâmetros, tipos, constantes, variáveis de estado, estados iniciais e transições do sistema. Por exemplo, a figura 3.2 contém uma Máquina Abstrata, chamada *Kernel*, a qual especifica um sistema que permite incluir e excluir tarefas até o limite de 10 tarefas e possui as seguintes seções:

MACHINE Nessa seção inicia-se o código da máquina abstrata. Ela identifica a natureza e o nome do módulo, seguido opcionalmente por um ou mais parâmetros separados por vírgula e limitados por parenteses

SETS introduz um novo tipo de entidade, no exemplo é *TASK*. Nesse momento, nenhum detalhe é fornecido quanto à maneira como essa entidade será implementada.

VARIABLES informa o nome das diferentes variáveis que compõem o estado. No exemplo, apenas há uma variável de estado: *tasks*.

INVARIANT especifica o tipo das variáveis de estado assim também como os estados válidos do sistema. Aqui, *tasks* é um conjunto de até 10 elementos do tipo *TASK*. A caracteri-

zação lógica do conjunto dos estados válidos é uma das atividades mais importantes da especificação.

INITIALISATION identifica quais são os possíveis estados iniciais do sistema. No caso, *tasks* é o conjunto vazio.

OPERATIONS determina os diferentes tipo de eventos que o sistema pode sofrer. No nosso exemplo, temos operações para adicionar e eliminar um elemento de *tasks*. Uma operação pode ter parâmetros, resultados e pode alterar o valor de variáveis de estado. Um ponto importante encontrados nas operações são as pré-condições, a quais são condições que devem ser satisfeitas para que a operação seja realizada

MACHINE	OPERATIONS	...
<i>Kernel</i>		<i>task_delete(task) =</i>
SETS	<i>task_add(task) =</i>	PRE
<i>TASK</i>	PRE	<i>task ∈ tasks</i>
VARIABLES	<i>task ∈ TASK ∧</i>	THEN
<i>tasks</i>	<i>task ∉ tasks ∧</i>	<i>tasks := tasks − {task}</i>
INVARIANT	card(tasks) < 10	END
<i>tasks ∈ ℙ(TASK) ∧</i>	THEN	END
card(tasks) ≤ 10	<i>tasks := tasks ∪ {task}</i>	
INITIALISATION	END;	
<i>tasks := ∅</i>		

Figura 3.2: Máquina abstrata de tarefas

Para uma melhor compreensão a especificação de sistemas através das máquinas abstratas será resumidamente dividida em duas partes principais. Na primeira parte serão colocadas informação a respeito dos estados da máquina, suas variáveis e restrições. Na segunda parte, será especificado o comportamento da máquina, ou seja a sua parte dinâmica com a inicialização e operações. Essas duas partes serão melhores discutidas a seguir.

3.2.1 Especificação do estado da máquina

Na parte do estado de uma máquina são colocados os estado que a máquina pode assumir. Este é definido através de suas variáveis e do seu invariante. Nas variável são colocados os nomes dos estados das máquinas e no invariantes suas restrições, sendo que uma especificação só pode garantir o correto funcionamento da máquina quando esta encontra-se em um estado válido, nada podendo afirmar para os demais estados.

O estado de uma máquina é específica, por meio de calculo de predicados, da teoria do conjunto e relações entre conjuntos, permitindo com isso a análise estática da máquina através de lógica matemática. No exemplo da figura 3.2 o estado da máquina *kernel* foi especificado como sendo a variável *tasks* e seu predicados $tasks \in \mathbb{P}(TASK)$ e $\mathbf{card}(tasks) \leq 10$, os quais definem que *tasks* deve ser um conjunto de *TASK* e que o tamanho máximo permitido para o conjunto é de dez elementos.

3.2.2 Especificação das operações da máquina

Nas operações da máquina é especificado o comportamento dinâmico do sistema. É através das operações que o estado da máquina é alterado, respeitando sempre as suas restrições. Mais especificamente as condições declaradas no invariante da máquina deve ser sempre satisfeita no final da operação, levando assim a máquina a um estado válido.

O cabeçalho de uma operação é composto por um nome, uma lista de parâmetro de entrada e uma lista de parâmetro de saída ³, sendo que os parâmetro de entrada e os parâmetros de saída são argumentos opcionais. Assim o exemplo de um operação com parâmetros de entrada e saída pode ser visto na figura 3.3, na qual o nome da operação é *query_task*, o parâmetro de entrada é *task* e o parâmetro de saída é *belong*.

A operação propriamente dita é formada por pré-condição e corpo da operação. Na pré-condição, são colocadas as informações sobre todos os parâmetros de entrada e as condições que devem ser satisfeitas para que a operações seja executada. Com isso, a pré condição funciona como uma premissa que deve ser suprida para que a operação funcione corretamente.

Por exemplo, na figura 3.2 para que a operação (*add_itask*) funcione corretamente e não leve a máquina para um estado inválido as pré-condições $task \in TASK$, $task \notin tasks$ e $\mathbf{card}(tasks) < 10$ devem ser obedecidas.

```

ans ← query_task(task) =
PRE   task ∈ TASK
THEN
    IF   task ∈ TASK
    THEN  ans := yes
    ELSE  ans := no
END

```

Figura 3.3: Operação que consulta se uma tarefa pertence a máquina *Kernel*

No corpo da operação é especificado o seu comportamento. Nele os parâmetros saída devem

³A notação de máquina abstrata permite que uma operação retorne mais de um parâmetro

ser obrigatoriamente valorados e os estados da máquina são alterados ou consultados. Assim, para realizar as atualizações de estados e definições de parâmetros de saída de modo formal, a notação de máquina abstrata possui um conjunto de atribuições abstratas, denominadas substituições, que possuem regras de como tal atribuições é realizada, permitindo assim uma análise estática das operações em relação a consistência da máquina. A seguir são demonstradas algumas das principais substituições da AMN.

Substituição Simples

A substituição simples é definida da seguinte forma:

$$x := E$$

Nela x trata-se da variável da máquina ou parâmetro de saída, para o qual será atribuído o valor da expressão E . Mais precisamente uma substituição é interpretada da seguinte maneira:

$$[x := E]P$$

Assim tem-se que o predicado P deve ser mantido quando a variável x for substituída por E . Por exemplo na operação add_{task} a substituição $tasks := tasks \cup \{task\}$ pode ser vista como $[tasks := tasks \cup \{task\}] \mathbf{card}(tasks) < 10$, Na qual $\mathbf{card}(tasks) < 10$ é o predicado, no caso o invariante da máquina, que deve ser obedecido quando a substituição for realizada, ficando ao final $tasks \cup \{task\} < 10$.

Substituição Múltipla

A substituição múltipla trata-se de uma generalização da substituição simples. Ela permite que várias variáveis seja atribuídas simultaneamente. Assim uma substituição múltipla utilizando duas variáveis tem a seguinte forma:

$$x, y := E, F$$

Na definição acima as variáveis x e y são atribuído os valores das expressões E e F , respectivamente. Assim da mesma forma que a substituição simples, a múltipla substituição é definida da seguinte maneira:

$$[x := E, y := F]P$$

Na qual P é o predicado que deve ser verdadeiro quando suas variáveis x e y forem substituídas por E e F , respectivamente. Por exemplo, uma máquina que possui o predicado $x < y$ e possui a seguinte substituição $x, y := x + 10, y + 5$ é reduzida a seguinte forma $[x, y := x + 10, y + 5]x < y$, o que resulta em $x + 10 < y + 5$

Substituição Condicional

As substituições simples e múltiplas permitem somente uma opção de especificação onde uma atribuições é sempre feitas de maneira uniforme sem opções e sem levar consideração os estados iniciais da operação. Entretanto, as linguagens de programação convencionais disponibilizam um tipo condicional de atribuição na qual é permitido caminhos diferente de acordo com expressões lógicas que utilizam o valores iniciais das variáveis do sistema. Esse tipo de atribuição é feita através da formação **IF THEN ELSE**.

Como nas linguagens de programação, a notação de máquina abstrata também permite a construção de atribuições condicionais, as quais são feitas através da substituição condicional. Com isso, uma substituição condicional funciona da mesma forma que nas linguagens de programação, não qual uma expressão lógica é avaliada para saber qual caminha a estrutura deve seguir, e qual atribuição deve ser realizada. A forma como é especificada uma substituição condicional na ANM pode ser visto a seguir:

IF E THEN S ELSE T

Na especificação acima S e T são substituições de qualquer tipo e tem as suas execuções condicionadas pela expressão lógica E , na qual pode conter variáveis da máquina como também os parâmetros de entrada da operação. Com isso, caso E seja afirmativo a substituição S é realizada e caso ele seja negativo a substituição T é executada. Assim uma substituição condicional pode ser interpretada da seguinte forma:

$$[\mathbf{IF} \ E \ \mathbf{THEN} \ S \ \mathbf{ELSE} \ T]P = (E \implies [S]P) \wedge (\neg E \implies [T]P)$$

.

Nessa interpretação se é for verdadeiro a substituição S deve satisfazer o predicado P . E caso o valor de E seja negativo a substituição T deve satisfazer o predicado P .

Um exemplo simples da utilização dessa substituição pode ser visto na figura 3.3. Nela a expressão $task \in TASK$ é primeiramente analisada para decidir qual substituição simples deve

ser executada. Caso a o resultado da expressão seja afirmativo $ans := yes$ é executada e caso a expressão seja negativa $ans := no$ é executada.

Substituição não determinística ANY

As substituições vistas até agora seguem uma metodologia determinística, ou seja, são substituições que possuem um comportamento previsível, que levam a apenas um resultado final é pré-determinado. Entretanto, as máquinas abstratas em B são utilizadas para fazer especificações iniciais de sistemas ou componentes e, maioria das vezes, no início de uma especificação o comportamento do sistema não é totalmente conhecido. Assim, para especificar o indeterminismo inicial de um sistema a notação de máquina abstrata disponibiliza um tipo especial de substituições determinadas como substituições não determinísticas.

As substituições não determinísticas são substituições que introduzem escolhas aleatórias no corpo das operações, levando a mesma não mais para um estado final previsível e sim para um conjunto de estados finais diferentes para cada execução da operação. Assim em uma substituição não determinística a especificação define apenas o conjunto sobre o qual deve ser feita a escolha abstraindo assim informações de como tal escolha deve ser realizada. Em outras palavras, em uma substituição não determinística existem o conjunto de estado finais possíveis que podem ser alcançados a cada execução da substituição.

Uma substituição não determinística definida na AMN é a substituição **ANY**. Essa substituição possui o seguinte formato:

ANY x WHERE Q THEN T END

Através da definição acima percebe-se que a substituição **ANY** é formada por três elementos:

x trata-se de uma lista de variável que será utilizada no corpo da substituição e para as quais serão escolhidos valores abstratos delimitados pelo o predicado Q .

Q são predicados que delimitam o conjunto de opções para as variáveis x . Nessa parte as variáveis x devem obrigatoriamente serem tipificadas.

T é denominado corpo da substituição. Nele são colocados atribuições que utilizam-se das variáveis x para atualizar estados ou atribuir valores para os parâmetros de saída de uma operação

Um exemplo da substituição **ANY** pode ser visto na operação da figura 3.4. Nela uma tarefa é aleatoriamente adicionada na máquina *Kernel*. Primeiramente a variável *task* é criada para armazenar um valor aleatório. Em seguida, o tipo e a restrição sobre *task* é definida, conjunto da escolha aleatória. Por último, a variável *task* é adicionada ao conjunto *tasks*. Assim um comportamento não determinístico é atribuído a operação, pois para cada execução da operação a variável *task* pode assumir um valor aleatório.

```

random_create =
PRE
  card(tasks) < 9
THEN
  ANY
    task
  WHERE
    task ∈ TASK ∧
    task ∉ tasks
  THEN
    tasks := (tasks) ∪ task
  END
END

```

Figura 3.4: Operação que cria uma tarefa aleatória na máquina *Kernel*

Uma definição para a substituição **ANY** seria:

$$\forall x. (Q \Rightarrow [T]P)$$

Indicando que para todo valor que for escolhido para o conjunto de variável *x* as substituições *T* devem garantir o predicado *P*.

3.3 Obrigação de Prova

Após a criação de uma máquina abstrata utilizando o método B ela deve ser avaliada estaticamente para saber se a mesma é coerente e passível de implementação. Para realizar tal avaliação o método B dispõe de um conjunto de obrigações de prova, expressões lógicas, geradas a partir de uma especificação em B.

Resumidamente, a análise estática de uma máquina abstrata, através das obrigações de prova, avalia primeiramente se a máquina possui estados válidos, ou seja, se pelo menos uma combinação de estados é alcançada pela máquina. Caso a máquina possua estados válidos, é avaliada se estes são alcançados ao final de cada operações e na inicialização da máquina. Com

isso as principais obrigações de prova gerada em uma máquina abstrata são: Consistência do invariante, Obrigação de prova da inicialização e Obrigação de prova das operações. A seguir tem-se em maior detalhe cada uma dessas obrigações de prova e como elas são geradas.

3.3.1 Consistência do Invariante

Nessa obrigação de prova é analisado se o invariante da máquina possui pelo menos uma combinação em que todos os estados são válidos, ou seja, possui pelo menos um estado válido. Assim essa obrigação de prova é definida da seguinte maneira :

$$\exists v. I$$

Onde v indica o vetor de todos as variáveis da máquina e I representa o Invariante da máquina. Com isso, a definição acima pode ser entendida como: Deve existir pelo menos um valor para o vetor de variáveis v que satisfaça o invariante I

Um exemplo da aplicação desse obrigação de prova na máquina da figura 3.2 seria:

$$\exists tasks. (tasks \in TASK \cap \mathbf{card}(tasks) \leq 10)$$

O que pode ser provador como verdadeiro para $tasks = \emptyset$

3.3.2 Obrigação de prova da inicialização

Outra obrigação de prova necessária para uma máquina abstrata é saber se seu estado inicial satisfaz o invariante. Isso significa, verificar se o estado inicial da máquina é um estado válido. Assim, essa obrigação de prova é definida da seguinte maneira :

$$[T]I$$

Nela $[T]$ indica as substituições realizadas na inicialização da máquina e I indica as restrições definidas no invariante. Com isso, a obrigação de prova da inicialização da máquina da figura 3.2 pode ser definida como sendo:

$$[task := \emptyset](tasks \in TASK \cap \mathbf{card}(tasks) \leq 10) \Rightarrow \emptyset \in TASK \cap \mathbf{card}(\emptyset) \leq 10$$

O que pode ser facilmente deduzido como uma verdade.

3.3.3 Obrigação de prova das Operações

Na obrigação de prova das operações deve ser analisado se, quando satisfeita a sua pré-condição, a execução da operação levará a máquina a um estado válido. Assim a definição dessa obrigação de prova pode ser vista da seguinte maneira:

$$I \wedge P \Rightarrow [S]I$$

Na definição acima I representa o invariante da máquina, P representa a pré-condição da operação analisada e S indica as substituições realizadas no corpo da operação. Assim, uma explicação mais precisa dessa definição seria: quando a máquina estiver em um estado válido e a pré-condição da operação for satisfeita, a execução da operação deve manter a máquina em um estado válido. Nota-se assim que esta obrigação de prova não torna-se necessária as operações que não alteram o estado da máquina, chamada de operações de consulta, como a da figura 3.3 onde apenas o valor da parâmetro de retorno é alterado, pois nelas nenhum estado da máquina é alterado.

Um exemplo de uma obrigação de prova da operação *add_rask* da máquina da figura 2.2 pode ser visto a seguir:

$$\begin{aligned} & (tasks \in TASK \wedge \mathbf{card}(tasks) \leq 10) \wedge (task \in TASK \wedge task \notin tasks) \Rightarrow \\ & ([tasks := task \cap task]((tasks \in TASK \wedge \mathbf{card}(tasks) \leq 10)))) \end{aligned}$$

3.4 Refinamento

A linguagem abstrata demonstrada até agora é usada principalmente para criar uma modelagem funcional de sistemas e componentes. Nela o principal objetivo é descrever o comportamento do sistema sem se preocupar com detalhes de como tal comportamento será implementado ou de como os dados serão manipuladas pelo computador. Entretanto, para realizar uma modelagem mais concreta e passível de implementação é necessário que notações matemáticas abstratas utilizadas na modelagem do sistema, como conjuntos e substituições não determinística, sejam descritas de forma mais concreta.

Através da técnica de refinamento o método B possibilita um desenvolvimento gradativo

do sistema. Nele um sistema é especificado em estágios que vão da modelagem abstrata até um nível algoritmo denominada de implementação. Entre esse níveis de abstração existem um modelos intermediário chamados de refinamentos, que combina especificações de construção e detalhes de implementação.

Mais precisamente, refinamentos são decisões de projeto nas quais estruturas abstratas são detalhadas em um nível mais concreto. Com isso, um refinamento deve obrigatoriamente está ligado a um modelo abstrato anterior e possui um comportamento delimitado pelo o modelo a qual está relacionado. Para garantir que essa relação entre módulo seja feita de forma coerente existem mecanismo de análise estática denominados obrigações de prova do refinamento, o qual será detalhado na seção 3.4.3.

A construção de um refinamento é muito parecida com a construção de uma máquina abstrata. Ele, assim como a máquina abstrata, é dividido em seções onde são especificadas as informações do sistema, possuindo basicamente as mesma seção de uma máquina abstrata. A diferença de um refinamento para os demais módulos está na seção **REFINEMENT** e **REFINES** na seção, onde são colocados respectivamente o nome do refinamento e o módulo que será refinado.

Como ocorreu na seção da máquina abstrata ??, para uma melhor entendimento e analogia à construção de uma máquina abstrata, a especificação de um refinamento basicamente em duas parte principais especificação do refinamento dos estados e especificação do refinamento das operações. Em seguida tem-se o delineamento dessas duas partes principais.

3.4.1 Refinamento do Estado

No refinamento de dados, como é reconhecido o refinamento do estado, tem-se o objetivo de especificar o estado de uma máquina em uma forma mais concreta, ou seja mais próxima a utilizada pelo computador. Para isso estruturas abstratas como conjuntos e relações são substituídas por mecanismo mais implementáveis como vetores e sequências.

Como foi dito anteriormente, um refinamento necessita estar relacionado com um nível abstrato ligeiramente acima dele. No refinamento de dados essa relação é feita através de um mecanismo denominado *relação de refinamento*. Assim, a *relação de refinamento* nada mais é do que conjunções lógicas que ligam o estado do refinamento ao estado do módulo refinado por ele.

Um exemplo de refinamento de dados pode ser visto na figura 3.5. Nela é feito o refinamento da máquina *Kernel* (figura 3.2), qual possui o estado *task* especificado como sendo um

conjunto de tarefa. Entretanto, conjunto são representações abstrata de dados. Assim no refinamento *KernelR* o estado *task* é refinado por *taskR*, que trata-se de um sequência de tarefas, estrutura mais concreta que um conjunto. A relação de refinamento entre os dois estado é feita através da igualdade $\mathbf{ran}(tasks_r) = tasks$.

REFINEMENT	INVARIANT	OPERATIONS
<i>Kernel_r</i>	$tasks_r \in \mathbf{seq}(TASK) \wedge$	$task_add(task) =$
REFINES	$\mathbf{ran}(tasks_r) = tasks$	BEGIN
<i>Kernel</i>	INITIALISATION	$tasks_r :=$
VARIABLES	$tasks_r := []$	$task \rightarrow tasks_r$
<i>tasks_r</i>		END
		END

Figura 3.5: Refinamento da maquina abstrata de *Kernel*

3.4.2 Refinamento das Operações

Após feito o refinamento do estado da máquina é necessário agora especificar o refinamento das suas operações. O refinamento das operações de uma máquina deve garantir que está possua os mesmo comportamentos que suas operações abstratas, podem até fazer menos ações que as operações refinadas, sendo proibido apenas as ações adicionais.

As operações de um refinamento devem possuir a mesma assinaturas das operações do módulo relacionado à ele, mesmo nomes e parâmetros de entrada e saída. Entretanto, nas operações de um refinamento não é necessário a declaração da pré condição (**PRE**), uma vez que essa foi definida em um nível mais abstrato e são suficientes para garantir que o tipo do parâmetro de entrada permaneça o mesmo e que o invariante da máquina seja mantido quando a operação for executada.

Um exemplo do refinamento de uma operação pode ser visto na operação *add_task* do refinamento *KernelR* (figura 3.5). Nela percebe-se a ausência da pré condição e que a assinatura da operação permanece a mesma. A parte alterada foi apenas o corpo da operação que foi adaptada para trabalhar com o estado *taskR*.

3.4.3 Obrigação de Prova do refinamento

A análise estática para saber se um refinamento é consistente com o nível abstrato acima dele é feita através de obrigações de prova e pode ser dividida em duas partes, obrigação de prova da inicialização e obrigação de prova das operações. Entretanto, na obrigação de prova

das operações são possíveis dois tratamentos diferentes, obrigações de prova para as operações sem parâmetro de retorno e a obrigação de prova para as operações com parâmetro de retorno. A seguir é demonstrada como é realizada cada uma dessas obrigações de prova.

Obrigação de Prova da Inicialização

Em um refinamento, a ligação entre os estados da máquina abstrata e o refinamento é feito através da *relação de refinamento* a qual será denominada de J . Assim necessariamente a inicialização da máquina abstrata deve possuir algum estado que satisfaça essa ligação, ou, melhor dizendo, J deve possuir algum estado especificado pela inicialização de máquina abstrata, denominada T . Isso gera a seguinte asserção:

$$\neg[T] \neg J$$

Na expressão acima tem-se que T deve possuir algum estado válido em J , ou que, J possui algum estado que satisfaça a inicialização T .

Além disso é necessário também que a inicialização do refinamento denominado de TI esteja ligada a esse conjunto de estados válidos definidos por J e T . Essa ligação ocorre da seguinte forma: todo estado gerado na inicialização de TI deve possuir um correspondente válido de T . O que gera a seguinte definição:

$$[TI] \neg [T] \neg J$$

Assim a obrigação de prova entre as máquinas *Kernel* e a máquina *KernelR* fica como demonstra a asserção abaixo:

$$[tasks_r := []] \neg [tasks := \emptyset] \neg (\mathbf{ran}(tasks_r) = tasks)$$

Obrigação de prova da operação sem parâmetro de retorno

Geralmente uma operação é definida como **PRE P THEN SEND**, sendo o seu refinamento **PRE PI THEN SI END**, onde na maioria das vezes PI é abstraído. Com isso, do mesmo modo que na inicialização, tem-se que os estados gerados em SI devem estar relacionados com alguma execução S , o que é definido na expressão abaixo:

$$SI \neg S \neg J$$

Entretanto, diferente da inicialização, a execução de uma operação deve levar em consideração o estado da máquina anterior à sua execução. Com isso o estado da máquina abstrata junto com o seu refinamento devem ser um estado válido. Uma relevante ligação entre esse estados e o invariante I e a sua relação de refinamento J . Além disso, para a correta execução da operação a pré condição da mesma deve ser estabelecido. Assim, unido que uma operação só pode ser executada corretamente quando houver uma ligação válida entre os estado da máquina e a sua pré condição for estabelecida, a obrigação de prova de uma operação é feita da seguinte forma:

$$I \wedge J \wedge P \Rightarrow SI \neg S \neg J$$

Por exemplo, a obrigação de prova do refinamento da operação add_{task} da máquina *Kernel* é estabelecida como de acordo com a preposição abaixo:

$$\begin{aligned} & (tasks \in \mathbb{P}(TASK) \wedge \mathbf{card}(tasks) \leq 10) \wedge \\ & tasks_r = tasks \wedge \\ & task \in TASK \wedge \\ & task \notin tasks \wedge \\ & \mathbf{card}(tasks) < 10 \Rightarrow [tasks := tasks \cup \{task\}] \\ & \neg [tasks_r := task \rightarrow tasks_r] \\ & \neg (tasks_r = tasks) \end{aligned}$$

Obrigação de prova da operação com parâmetro de saída

Devido uma obrigação do refinamento das operações, a qual obriga que cada saída possível para o refinamento de uma operação deve está ligada a uma saída da operação especificada, as operações com parâmetro de saída necessitam de uma atenção especial . Assim denominando out' como sendo os parâmetros de saída do refinamento e out os parâmetros de saída da especificação tem-se que cada valor de out' deve possuir um correspondente em out . Em outra palavra, cada execução de SI deve encontrar uma execução S , na qual out' produzido por SI seja igual ao out produzido por S .

Além da ligação entre o parâmetros de saída, no refinamento de uma operação com retorno, deve-se obedecer todas as restrições impostas para o refinamento das operações sem parâmetro

de saída, ficando da seguinte maneira a obrigação de prova das operações com retorno estabelecida da seguinte maneira:

$$I \wedge J \wedge P \Rightarrow SI[out'/out] \neg S \neg J$$

Nela $[out'/out]$ significa que na atribuições de SI os valores de out devem ser substituídos por out' e manter verdadeira a preposição, garantindo que cada produção de out de SI tenha uma correspondente no conjunto out .

4 Revisão Literária

- Enumerar Projetos
- Desafio de software verificado

5 *Proposta*

- Como será feita a modelagem do FreeRTOS
- Falar do estudo do FreeRTOS e identificação dos seus principais conceitos e funcionalidades
- O desenvolvimento progressivo acrescentando novas funcionalidades a cada refinamento
- Ligar a abordagem do compilador verificável ao FreeRTOS
- Dizer como será ou deve feita a união do FreeRTOS para o compilador verificável

6 Atividades e Etapas

Referências Bibliográficas